

No primeiro ensaio, *Psicanálise, uma Estilística da Existência?*, Birman percorre a metapsicologia freudiana, apontando momentos de prevalência do registro tópico, seguidos do dinâmico e finalmente do registro econômico, mostrando os diferentes conceitos de pulsão formulados por Freud e articulando-os com a clínica psicanalítica. Parte de dois pressupostos básicos: que os registros clínicos e teóricos são inseparáveis em psicanálise e que o discurso freudiano é o objeto absoluto de transferência dos analistas.

Retoma em Freud a conceitualização de pulsão, mostrando que ele se perguntou sobre os aspectos quantitativos da pulsão no começo de sua obra, que abandonou esta questão e que a retomou em 1920. O autor lembra que o conceito de pulsão foi enunciado pela primeira vez nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, sendo definida por seus representantes psíquicos e quanto ao seu aspecto qualitativo. Trata-se de uma teoria que tem como ponto fundamental a ligação entre a força pulsional, o objeto e a representação, com a predominância do princípio do prazer. Neste modelo teórico, a concepção clínica da psicanálise é a da revelação do inconsciente, com o objetivo de dominar as representações inconscientes. A consequência é a procura da verdade escondida no psiquismo. Por meio da interpretação, o analista pode tornar consciente o inconsciente, revelando o sentido oculto da história e do sintoma do paciente. Assim, a clínica se restringe ao campo das neuroses. Ao modelo tópico, seguiu-se o modelo dinâmico, acrescentando-se que a conscientização do recalcado se faz a par-

A feminilidade no analista

Resenha de Joel Birman, Por Uma Estilística da Existência, São Paulo, Editora 34, 1996, 220p.

tir da análise das resistências. A revelação do sentido oculto significa que nada de novo pode ser criado.

Joel Birman segue mostrando um novo conceito de pulsão se delineando a partir de 1915, quando Freud escreveu *As Pulsões e suas Vicissitudes*, fundamental em psicanálise. Período de predominância do modelo econômico. Nesta nova teorização, Freud enunciou que a pulsão não era consciente nem inconsciente, sendo o inconsciente uma derivação da força pulsional, e que a pulsão tem uma autonomia em relação aos representantes pulsionais. É o Outro que pode permitir que a força pulsional se inscreva no campo dos representantes; assim, o Outro, a dívida simbólica e a alteridade são conceitos importantes que vão fazer parte da psicanálise, após a mudança teórica advinda do novo conceito de pulsão.

Considerar que a pulsão possa se inscrever no campo dos representantes a partir do Outro aumenta as possibilidades de alcance de uma análise. Ao mesmo tempo, sublinha

o indeterminismo do encontro analítico e amplia o espaço do novo, do encontro fértil e inusitado, tanto para o analista quanto para o analisando. O ato analítico deve ser fértil, produzir novas ligações entre a força pulsional e os seus representantes. O analista provoca uma desconstrução nas certezas do analisando, acompanha-o no contato com seu desamparo, na experiência de dar novos destinos às forças pulsionais..

Birman mostra neste primeiro ensaio a linha teórica de sua compreensão de sujeito: o passado já não é o fundamental; o essencial está no novo que pode vir a existir no aparelho psíquico por meio de novas representações pulsionais.

O fio condutor da série de artigos deste livro é o conceito de feminilidade e criatividade. O autor refere-se a ocasiões, além da experiência analítica, em que novos representantes pulsionais podem ser criados pelos impactos dos encontros e desencontros a que somos expostos. Abre-nos a concepção de um universo com brechas, falhas que serão preenchidas pela subjetividade de cada sujeito, provocando uma nova materialidade resultante dos encontros das subjetividades.

Enquanto tece esta idéia em seus artigos, dá forma a seu livro sem qualquer rigidez, sabendo que sua escrita tem brechas que serão penetradas pela subjetividade do leitor. Seu texto é a escritura que teoriza no capítulo III: "funciona como algo da ordem do *Unheimliche*... somos levados de maneira compulsiva a pensar... desejo de se apropriar do texto ao nosso modo, querendo fazê-lo falar a nossa linguagem. Inscrevemos a leitura em nós e escrevemos o texto ao mesmo tempo, perpassando as suas feridas com as nossas lacerações" (p. 80). Ele sabe que seu texto será modificado pelo leitor e que o leitor será modificado pelo texto, sendo impossível prever os frutos desse encontro. Não se trata de revelação, trata-se de criação.

Em seu segundo ensaio, *O Sujeito na Literatura*, examina diferentes modelos históricos de leitura. Afirma que, além de sua dimensão social, a leitura remete também para o registro da relação do sujeito com o texto. O escrito ressoa no leitor, que pode ou não colocar em cena seus fantasmas, mas que, em função de sua subjetividade se apropria do texto e lhe dá sentido. O inusitado dos encontros continua a

ser destacado. Um livro pode causar um efeito de ruptura no leitor, que pode ser tocado a partir do que leu, viver uma dispersão e reorganizar esses elementos dispersos segundo sua subjetividade. A feminilidade do leitor é que permite que ele se deixe tocar e se reorganizar. Haveria a possibilidade de surgimento do novo a partir do encontro com a literatura.

O texto escrito *interpreta*, no sentido psicanalítico, no sentido em que há uma fragmentação arbitrária do texto e o sujeito inventa uma ordem pela qual articula esses elementos dispersos, atitude próxima à *construção* em psicanálise.

Esta modalidade de interpretação do texto remete à hermenêutica, onde uma interpretação se inscreve numa cadeia infinita de representações. O autor entrega seu texto ao leitor, que criará uma nova escritura. Há uma infinidade de sentidos possíveis e seu texto assumirá diferentes formas no encontro com cada leitor. Vicissitudes da escrita.

Sigamos então pelo livro que construí deste encontro. No artigo *Eu não sou nada, mas posso vir a ser*, Birman esclarece como ocorre o encontro com o leitor, acentuando a importância da sensorialidade. Retoma o conceito de pulsão, considerando que Freud pretende com este conceito ultrapassar a oposição entre corpo e espírito, tentando assim superar a descontinuidade entre o registro da quantidade e o registro da qualidade. "É a incidência do Outro sobre o campo desejante do sujeito que se encontra no fundamento do discurso freudiano" (p. 102). O desejo marcará a leitura que o sujeito fará do mundo e que portanto será ilusória e parcial.

Isto significa que o sujeito pode se afetar e ser afetado pela percepção. A luminosidade seria uma das formas de ser do afeto. Birman fala de afetação, onde o sujeito é tocado pelos outros, pondo em dúvida suas certezas e tendo assim uma experiência de angústia que conduz à mobilidade psíquica. "Poder se movimentar psicologicamente implica que o sujeito é afetado pelos outros, de maneira a ser balançado nas suas certezas e lançado infalivelmente na inquietude sobre os seus valores primordiais". (p. 104). A afetação é a condição essencial para a experiência psicanalítica.

O que está em jogo é o registro que o sujeito faz da dimensão quantitativa da pulsão. O autor percorre *A Interpretação dos Sonhos e As pulsões e suas vicissitudes*, fazendo emergir o conceito de eu real originário que seria regulado pelo além do princípio do prazer. É a marca da afetação pulsional que tem a possibilidade de desorganizar o sistema instituído de representações. O eu real originário remete para o registro da consciência-percepção, onde o sujeito se constitui pela sensorialidade e particularmente pelo registro visual. O sujeito defronta-se diretamente com a intensidade pulsional, por não contar com o sistema de representações correspondente. Birman tece, portanto, o conceito de desamparo; a afetação conduzindo o sujeito a viver a ausência de representantes pulsionais.

Esta experiência de desamparo pode operar a mobilidade do sujeito, arrancá-lo da petrificação e conduzi-lo à sua singularidade e diferenciação. O futuro aparece como possibilidade. O encontro com a obra de arte pode produzir este desamparo e potencializar a criação de novas vias de representação no aparelho psíquico. Assim Joel Birman fundamenta teoricamente a experiência da pintura para o ser humano e a relação entre a economia pulsional e a estesia. Criativamente, produz um fértil encontro entre Freud e Delacroix, considerando-os filhos da modernidade. "A modernidade se caracteriza pela possibilidade de sempre presente e renovada de inventar o sujeito". (p. 141) Diferencia-os do pós-modernista Leibniz e sua concepção de que habitamos "o melhor dos mundos possíveis", representante da desesperança, da perseverança e da imutabilidade. "Na pós-modernidade, não se crê mais, como outrora, que a subjetividade enquanto tal pudesse ser objeto de uma invenção permanente". (p. 141).

Nos ensaios 5 e 6, *Escutando através de um Olhar e O Espetáculo Desconcertante do Mundo*, Birman transforma em verbo sua experiência de encontro com a pintura. Executa a difícil tarefa de conduzir o registro visual para o registro da escuta, dividindo conosco a sua descoberta a partir do impacto de seu olhar. Destaca o desconcerto como efeito deste encontro, a evanescência do espaço e o recomeço sempre possível. "O sujeito não pode continuar sendo o mesmo após o seu percurso pela cena pictórica". (p. 127). Demonstra como foi tocado e como a transformação é constante. "O mundo como luminosidade enuncia o trágico, pois a evanescência do espaço torna presente a angústia. Porém a alegria é o seu contraponto,

pois o recomeço do mundo é sempre possível e desejável. A temporalidade funda o espaço e o olhar, funcionando como o operador mágico para a constituição da experiência pictórica. É para esta participação nos segredos indizíveis da mobilidade do mundo que somos convidados incansavelmente pela sedução plástica do artista". (p. 131). Entende que a arte pictórica é um dos propulsores à experiência de mobilidade do mundo, pois tem uma especial capacidade de tocar o sujeito e mobilizar reconstruções internas.

Birman comenta *O Olhar de Ulisses*, filme de Théo Angelopoulos, e *Além das nuvens, um enigma*, de Antonioni. Utilizando-se desses filmes para mostrar no registro verbal seu encontro com o cinema. No primeiro, destaca a angústia do ser humano frente à imprevisibilidade do mundo, sublinha a busca da história com o objetivo de provocar uma mudança no futuro e ressalta a alegria possível na reconstrução que se pode fazer da própria vida. Em *Além das Nuvens*, ele nos faz transpor as nuvens, saltando da densidade teórica para a leveza da poesia. É necessário lê-lo para ser tocado por outra forma de feminilidade.

Birman teoriza o impacto da estesia sobre a economia pulsional, o desconhecido que se produz, mas vai além, brindando-nos com os frutos de seus próprios encontros.

Na terceira parte do livro, Birman continua partindo das artes e, por meio de alguns filmes, vai construindo questões sobre o analista. O que representa o analista no mundo da pós-modernidade? Como é visto? Como atua? O que a mídia tem feito com a imagem do analista para mantê-la coerente com a pós-modernidade e a concepção de mundo onde não há mudança desejável e nem possível? Assim, em *Figuras do analista no cinema*, demonstra que a imagem do analista tem sido atacada naquilo que lhe é essencial, sua ética. Ao mostrar analistas perversos, tenta-se desqualificar a psicanálise, derrubando-se um de seus pilares fundamentais.

As questões sobre a psicanálise prosseguem no texto *A Escritura nos Destinos da Psicanálise*, no qual o autor reflete sobre os impasses existentes na formação de um analista. E ao se perguntar sobre o escrito em psicanálise, pergunta-se sobre a própria psicanálise.

Qual a utilidade de um escrito psicanalítico? O que determina que esse escrito seja psicanalítico? Um texto psicanalítico deve produzir uma experiência de inconsciente no leitor, ao mesmo tempo que tematiza a psicanálise como questão. Não há “ensino” psicanalítico e sim transmissão, e é essa a função de um texto psicanalítico. Um analista, com sua experiência tanto de analista quanto de analisando, diz algo de singular de sua experiência do inconsciente e da teoria psicanalítica.

Para o autor, o analista tem uma forma de escrever sobre a psicanálise que o diferencia de um não analista. O escrito psicanalítico deve ter algo de insólito ou inesperado. Birman exemplifica esta forma de escrita nas produções de Freud e Lacan. “Nestas duas produções discursivas funda-

mentais do campo psicanalítico, destaca-se a descontinuidade pelo lançamento constante de intuições fulgurantes e que apenas a posteriori são desenvolvidas, mas nem sempre”. (p. 79) As falhas, as brechas do pensamento do autor possibilitam ao leitor se inscrever e pensar. Embora este espaço seja condição para o escrito psicanalítico, não lhe é exclusivo. A forma surpreendente pode existir em qualquer texto literário. Além de produzir uma experiência de inconsciente no leitor, o texto psicanalítico deve transmitir psicanálise.

Esta forma de transmissão da psicanálise implica em um analista criativo, singular, marcado por seu desejo. Este estilo marcaria sua escritura, oposto ao “analista ideal” que conduz a analistas bem adaptados ao social, sem criatividade e sem possibilidade de invenção. Birman destaca assim o reconhecimento do analista por sua diferença, que se inscreve em toda a sua existência, inclusive em sua escritura, e põe-nos a pensar sobre a formação de analistas e sobre a forma de as instituições psicanalíticas avaliarem seus membros.

Prosseguindo neste recorte, chegamos ao último texto do livro, *Ser ou não ser imprescindível, esta é a questão*. Aí, Joel Birman nos conta que interrompeu seu trabalho clínico em função de uma viagem de um ano e meio para a França. Atitude que tocou sua família, seus pacientes e seus

colegas analistas. Com estes últimos sentiu os maiores entraves, tanto com os colegas brasileiros quanto com os franceses. O autor reflete profunda e abertamente sobre essa curiosa experiência: a mudança foi mais assimilável para os analisandos do que para os analistas. Parece que para alguns analistas a percepção de que não são imprescindíveis para seus analisandos vem carregada de extrema angústia. É o superego institucional que dificulta o rompimento do analista com o lugar idealizado, do qual faz parte a ilusão de ser imprescindível. Postura diametralmente oposta a uma ética que coloca a cada um de nós, a todo momento, frente ao compromisso consigo mesmo de procurar viver verdadeiramente.

A assunção da feminilidade por parte do analista consiste em aceitar o indeterminismo e a incerteza possíveis na vida, perceber sua relativa impotência e conseqüentemente prescindir do superego institucional, ou seja, saber da impossibilidade de retorno ao ego-ideal.

O autor traz a feminilidade no enunciado de seu texto, na possibilidade de viver o inesperado que transparece no modo pelo qual interrompeu seu trabalho e também na entrega que nos faz de seu livro. Nessa entrega, percebe-se que quer ser disperso e que fala em cada capítulo do exercício da existência sem fechar-se em uma unidade temática. A feminilidade é o ponto central de seu trabalho como enunciado, forma e ato.

Nesta seqüência temos uma proposta de reflexão sobre a psicanálise, o analista e sua formação. Em primeiro lu-

gar, a psicanálise implicada com a concepção de um sujeito exposto aos impactos de seus encontros, impossibilita de prever como será tocado e que novos arranjos intrapsíquicos ocorrerão. Um sujeito que depende do outro para se inscrever no registro simbólico, inscrição que se renova e se amplia constantemente, enfim um sujeito nunca terminado e nunca previsível, capaz de amar e eternamente marcado pelo amor do Outro.

Birman não perdeu de vista as especificidades de uma análise. Um livro, um filme, um quadro podem ter um efeito analítico, mas não são análise. Para o autor, obter um efeito analítico não é exclusividade da análise, mas é ela que pode permitir ao sujeito descobrir e inventar sua singularidade, é o lugar onde o sujeito pode perceber e reformular suas impossibilidades de viver e de se reinventar.

Ler este livro é uma experiência que nos toca em vários âmbitos, pois Birman consegue, ao mesmo tempo, teorizar sobre o ser humano em eterno movimento, o presente do infantil, a atualização das pulsões e muitos outros conceitos psicanalíticos de importância capital, conduzindo a raciocínios teóricos, à aventura. É a posição feminina, o saber-se desamparado, mutável e capaz de criar novos destinos para as forças pulsionais. Assim passamos por sonhos, formas, cores, movimentos. É um livro que nos toca sensorialmente, tal como a psicanálise.

Maria Helena Saleme é psicanalista.